

SENTIDOS DE SURDEZ NA IDADE ANTIGA

Marcelle Bittencourt Xavier (UESB)

bittencourt.marcelle@gmail.com

Adilson Ventura (UESB)

adilson.ventura@gmail.com

Daniela Ribeiro de Jesus (UESB)

danielaribeiro.jesus@hotmail.com

Érica Costa Rêgo (UESB)

erikajoicerego3@gmail.com

Objetivamos, neste trabalho, analisar os sentidos de surdez em textos da Idade Antiga. Para as análises, iremos recorrer a uma teoria desenvolvida no Brasil, denominada de Semântica do Acontecimento (SA). Ela se dá nas reflexões e nos estudos de Guimarães (2005; 2018), dialogando com abordagens enunciativas, como as de Ducrot e Benveniste. Pela SA, compreendemos que o sentido de uma palavra se constitui no acontecimento do dizer, e, por isso, os sentidos não são fixos. De modo a prosseguir com o proposto, observamos os procedimentos enunciativos de “reescrituração” e “articulação” nos textos recortados; além disso, representamos nos Domínios Semânticos de Determinação (DSD) as relações de sentido que aí se estabeleceram. Como resultados, verificamos que nos textos da Idade Média, que foram selecionados para esta pesquisa, são produzidos sentidos da surdez, relacionando-a a duas categorias, a saber: a de humano e a de não humano. Assim, a surdez é associada à uma condição de não humano, em que está abaixo do que é humano, ou seja, humano só seria aquele que não apresentasse qualquer deficiência (física ou mental). Portanto, estes sentidos mais se aproximam de uma visão clínico-patológica da surdez, ao tempo que ela é interpretada como uma “deficiência”, uma “patologia”, que diferencia e distancia pessoas “humanas” das “não humanas” pelo critério de um padrão de normalidade de que é ditado por aqueles que são oralizados e usam a língua oral.

Palavras-chave:

Sentidos. Surdez. Semântica Enunciativa do Acontecimento.